

*Economia - Brasil*  
**A CRISE SEM FRONTEIRAS** El Niño financeiro atrapalha empresas brasileiras no exterior

# Portas fechadas lá fora

SÔNIA ARARIPE

Carlos Wrede - 4/11/97

O efeito da crise nas bolsas de valores não foi sentido apenas pelo sobe-e-desce das ações ou pela queda dos títulos da dívida externa brasileira, conhecidos como *bradies*. Várias empresas brasileiras foram afetadas em cheio pelo El Niño financeiro que começou na Ásia, varreu a Europa, os Estados Unidos e já atingiu o Brasil e outras economias emergentes. O impacto para as companhias não foi só o da queda do valor de suas ações. Da noite para o dia, foram fechadas as portas do mercado de capitais internacional.

Petrobrás, Globopar, Companhia Siderúrgica Nacional e Antarctica são algumas das companhias que tiveram de adiar, pelo menos por enquanto, os planos de captar a juros mais baixos e prazos mais longos no exterior.

"Ninguém esperava esta crise mundial agora. A volatilidade ficou enorme. Fomos pegos pelo contrapé. Estávamos preparando uma operação lá fora de US\$ 500 milhões para pagar o empréstimo que tomamos quando compramos a Vale. Adiamos os planos para o primeiro trimestre de 1998", conta Maria Sílvia Bastos Marques, diretora de relações com o mercado da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

**Maratona** - Como o caixa da CSN está reforçado, com cerca de R\$ 1,5 bilhão, e o empréstimo tomado para ajudar a pagar a Vale do Rio Doce só vence em maio, esta emissão de US\$ 500 milhões no mercado internacional não chega a tirar o sono dos principais executivos da empresa.

"Estamos torcendo para que, quando realmente formos captar estes recursos no início do ano que vem, já esteja tudo ultrapassado e consigamos uma operação com boas taxas em bom prazo", diz Maria Sílvia.

O furacão financeiro não foi de todo ruim para a vida da CSN. Amanhã, Maria Sílvia começa uma verdadeira maratona em Nova Iorque para vender a imagem da CSN a investidores estrangeiros.

"Apesar de tudo decidimos manter nossos planos de listar nossas ações na Bolsa de Nova Iorque, através de ADRs (American Depositary Receipts). Isto será feito nesta próxima sexta-feira", explica a diretora.

**Tradição** - A Petrobrás também achou melhor frear sua intenção de lançar US\$ 250 milhões em eurobônus de 20 anos nos mercados americano e europeu, coordenada pelo Citibank. Joel Rennó, presidente da Petrobrás, acha que não chega a ser o pior dos mundos.

"Temos tradição no mercado internacional. Os investidores nos conhecem. Apenas adiamos os planos para uma outra época", explica.

Esta semana, Rennó e alguns diretores negociam contratos de US\$ 1,3 bilhão com o Eximbank japonês para financiamento de grandes obras e equipamentos, como os tubos para o gasoduto Brasil-Bolívia.

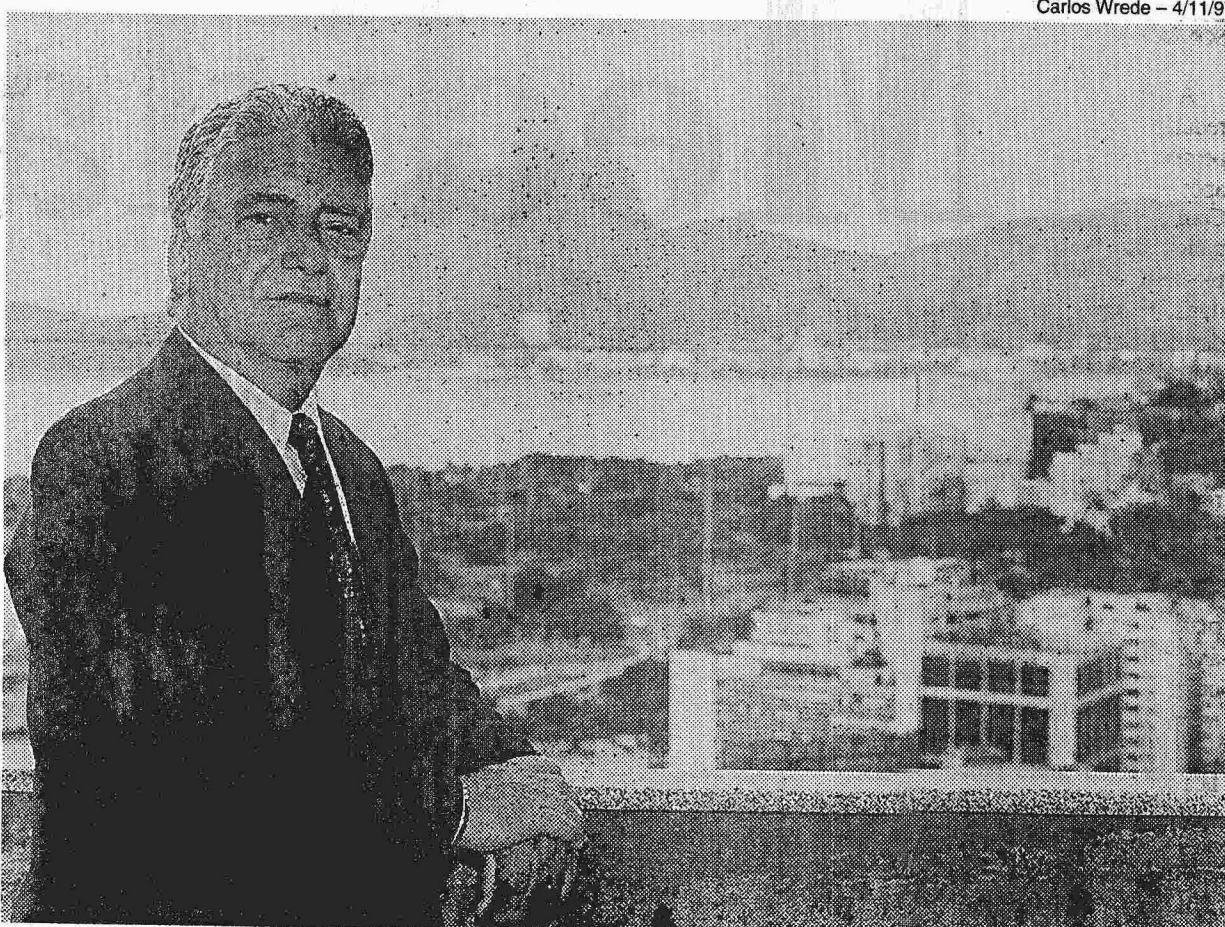
O presidente da Petrobrás explica que a ordem para a sua área financeira, neste momento conturbado, foi de manter a maior liquidez possível e ser bastante seletivo na escolha dos investimentos.

**Até quando?** - A Globopar, holding do grupo Globo, preparava uma emissão de US\$ 300 milhões de eurobônus, através do Chase Manhattan Bank e adiou os planos. Assim como a Antarctica, que espera um melhor momento para tentar captar US\$ 200 milhões.

A expectativa dos executivos de bancos que são muito ativos neste tipo de operação é que os bons ventos só deverão voltar a bater para as empresas que precisam de recursos no início do ano que vem.

"Todos os dias nos perguntamos 'Até quando? Até quando?'. É difícil prever. Mas tudo indica que o mercado de capitais externo só deverá voltar mesmo ao normal no início do próximo ano", avalia Otávio Castello Branco, diretor do J.P. Morgan.

**Empréstimo** - A longo prazo, todos estão otimistas. Acreditam que o mercado retomará o mesmo ritmo de antes. Até outubro, antes



Joel Rennó, da Petrobrás, tem confiança na tradição da estatal no mercado externo: "Eles nos conhecem"

Luís Alvarenga - 3/5/96



Maria Sílvia Bastos, da CSN: "Adiamos nossos planos para 1998"

Samuel Martins - 16/6/97



Luís Crisóstomo, vê fase de turbulência: "Mas vamos nos sair bem"

da freada, as emissões já somavam cerca de US\$ 14 bilhões, 40% acima dos US\$ 10 bilhões do ano passado inteiro.

O que vier agora até o fim do ano, prevêem os especialistas, não será nada muito expressivo. A expectativa nos próximos meses é de que será difícil, cerca de 4% mais caro, conseguir rolar financiamentos antigos ou captar dólares novos.

"O jeito é esperar. Aqui dentro, o crédito tende a ficar ainda mais escasso e a juros altíssimos", lembra José Carlos Bueno, diretor do grupo de produtos de dívida do ING Bank.

Algumas operações externas que já vinham sendo tocadas antes da crise conseguiram sair. Mas as últimas não são chamadas de operações do mercado de capitais. São, na verdade, financiamentos bancários modelados de outra forma, rebatizados com o sofisticado nome de empréstimo sindicalizado, normalmente associado a operação de comércio exterior.

**Sorte** - A Ceval Alimentos e a NetSul (associação da Globopar com o grupo RBS do Rio-Grande do Sul) fazem parte do seleto time das sortudas que ainda conseguiram achar abertas as portas dos bancos internacionais. As duas operações foram intermediadas pelo Citibank.

"Demos sorte. Estávamos com tudo sendo preparado bem antes desta confusão das bolsas internacionais começar. Conseguimos captar US\$ 126 milhões a taxas sensacionais", comemora Vilmar Costa, gerente financeiro da Ceval.

O dinheiro será utilizado para financiar a importação de soja. O custo foi da taxa do interbancário de Londres, a Libor, mais 0,6%. Já a NetSul conseguiu um empréstimo sindicalizado de US\$ 80 milhões.

Alfred Dangoor, diretor do Citibank, explica que o furacão dos últimos dias atingiu primeiro as bolsas de valores, mas depois acabou afetando também outros mercados. "Estes empréstimos sindicalizados não chegaram a ser tão atingidos. Como são bancos que entram financiando as empresas, praticamente ficaram longe do pânico quase generalizado", explica.

A curiosidade da captação da Ceval é que entraram alguns bancos que nunca tinham se arriscado em negócios no Brasil, como o Cobank, de empresas de commodities do Colorado (EUA) e o Hua Nan Bank, de Formosa.

E quais são as perspectivas daqui para a frente? "No fundo, os estrangeiros sabem que os fundamentos no Brasil são diferentes de outros mercados emergentes. Estamos vivendo uma turbulência, mas como o governo está tomando todas as medidas necessárias, conseguiremos nos sair bem", acredita Luís Crisóstomo, diretor do Banco Patrimônio, associado a Salomon Brothers.

Otávio Castello Branco, diretor do J.P.Morgan, acredita que quando as emissões voltarem a ser feitas, o leque estará um pouco mais fechado. "No início será a vez das empresas de primeiríssima linha. Mas logo depois virão as de segunda linha."